



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

*A FORMAÇÃO DO LEITOR-ESCRITOR A PARTIR DAS OBRAS “QUARTO DE DESPEJO:
DIÁRIO DE UMA FAVELADA” E “DIÁRIO DE UM DETENTO”*

Júlia Ramalho Ferreira dos Santos

Rio de Janeiro

2025

JÚLIA RAMALHO FERREIRA DOS SANTOS

A FORMAÇÃO DO LEITOR-ESCRITOR A PARTIR DAS OBRAS “QUARTO DE
DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA” E “DIÁRIO DE UM DETENTO”

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Scheffel

RIO DE JANEIRO
2025

Júlia Ramalho Ferreira dos Santos

A FORMAÇÃO DO LEITOR-ESCRITOR A PARTIR DAS OBRAS “QUARTO DE
DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA” E “DIÁRIO DE UM DETENTO”

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Aprovada em: ____/____/____

NOTA: 10,0

Marcos Vinícius Scheffel (UFRJ)

Orientador

NOTA: 10,0

Agatha Ribeiro Krauss (SME – RJ)

Avaliadora externa

MÉDIA: 10,0

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, o meu maior
exemplo de resiliência e de amor.

RESUMO

DOS SANTOS, Júlia Ramalho Ferreira. **A formação do leitor-escritor a partir das obras “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” e “Diário de um detento”**. Rio de Janeiro, 2025. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

O presente trabalho consiste em um relato de experiência, cujo objetivo é abordar o letramento literário a partir das obras “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus e “Diário de um Detento: o livro”, de Jocenir. Através da elaboração de diários de leitura, surge a formação do leitor-escritor, referenciando-se em autores como Cecília Bajour e Rildo Cosson.

Palavras-chave: Formação; Leitor-escritor.

ABSTRACT

DOS SANTOS, Júlia Ramalho Ferreira. The training of the reader-writer from the works "Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus" and "Diary of a detainee". Rio de Janeiro, 2025. Monograph (Graduation in Letters) - Faculty of Letters, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

This work consists of an experience report, whose objective is to address literary literacy from the works "Quarto de Despejo: diary of a favelada", by Carolina Maria de Jesus and "Diary of a Detainee: the book", by Jocenir. Through the elaboration of reading diaries, the formation of the reader-writer arises, referring to authors such as Cecília Bajour and Rildo Cosson.

Keywords: Training; Reader-writer.

AGRADECIMENTOS

Para mim, a parte mais difícil no processo de produção deste trabalho foram os agradecimentos. Com os olhos marejados e um sentimento de dever cumprido, posso dizer que esta monografia marca o começo do fim. A graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro foi a materialização de um sonho e, no decorrer da minha caminhada acadêmica, muitas pessoas estiveram ao meu lado, acreditando e torcendo pela minha vitória. Afinal, era a vitória deles também.

Agradeço primeiramente a Deus, autor e consumidor da minha fé, que me permitiu chegar até aqui e me sustentou durante esses 5 anos. Aos meus pais, que trilharam caminhos árduos debaixo do sol para que eu pudesse desfrutar da sombra, agradeço por todo o amor e suporte. Aos amigos que fiz durante a graduação e que tornaram a Universidade muito mais leve, Ludmila, Beatriz, Danielly, Lucas, Peterson, Wellington e Gabriel, agradeço pela parceria e suporte. Encontrei um ombro amigo em cada um de vocês nos dias difíceis, o que fez com que eu não desistisse. Agradeço também aos meus amigos de fora da faculdade, Beatriz Monteiro, Rebecca e Rafael que há anos estão ao meu lado. Obrigada por acreditarem tanto em mim e por comemorarem comigo esta vitória. Estivemos e estaremos juntos, independente das circunstâncias. À família Elpidiana, agradeço por saber que venho de um núcleo de amor, respeito, compreensão e incentivo. Nenhuma família é perfeita, a não ser a nossa.

Agradeço ao meu professor e orientador, Marcos Scheffel, por ter sido um grande exemplo para mim durante a graduação e por ter me dado todo o suporte necessário durante a escrita dessa monografia. À minha professora supervisora do estágio, Agatha Krauss, agradeço pelo apoio e afeto. Carrego com carinho as memórias da rotina no estágio e espero levar essa amizade para fora da escola.

Agradeço, especialmente, ao meu esposo. Meu melhor amigo, parceiro e confidente, Darllan. Aquele que esteve comigo do início ao fim, torcendo e acreditando em mim quando nem eu mesma era capaz de acreditar. Seu amor e cuidado tornaram tudo isso possível. Agradeço por ele ter sido o meu porto seguro e por me apoiar em absolutamente todos os momentos.

Finalmente, agradeço a mim, por ter insistido e persistido nesse sonho. Vencemos e venceremos!

EPÍGRAFE

“Fiquei alegre olhando o livro e disse: ‘O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor’. E li o meu nome na capa do livro. ‘Carolina Maria de Jesus. Diário de uma favelada. Quarto de despejo’. Fiquei emocionada. É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti.” Carolina Maria de Jesus

“Nada deixa um homem mais doente que o abandono dos parentes.”
Jocenir

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2. QUARTO DE DESPEJO.....	13
2.1. 13/10/2025 – TURMA 1801	13
3. DIÁRIO DE UM DETENTO.....	22
3.1. 27/10/2025 – TURMA 1801	22
3.2. 04/11/2025 – TURMA 1802	25
CONCLUSÃO:.....	32
REFERÊNCIAS.....	35
Anexos	36
CAPA DO LIVRO QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA	36
ANEXO 2 – CAPA DO LIVRO DIÁRIO DE UM DETENTO.....	37

INTRODUÇÃO

Durante o meu processo de formação na educação básica, esbarrei com diferentes fôrmas que eram impostas aos alunos no âmbito da literatura. Não havia uma conversa literária que nos permitisse expor a nossa real opinião sobre as leituras propostas e nem mesmo uma autonomia sobre os textos, o que gerava desânimo na turma e frustração nos docentes. Já na universidade, me deparei com um ambiente muito diferente. Apesar de ainda perceber que alguns professores impunham suas opiniões em relação aos textos propostos e sobre como deveríamos nos portar diante daquelas leituras, ali havia acolhimento aos diferentes gostos literários e às diferentes interpretações e percepções. Quis acreditar que aquela situação na época da escola teria sido apenas um caso isolado e que, hoje em dia, o ensino de literatura era diferente. Mas, ao chegar no estágio não obrigatório, percebi que a metodologia era igual. O mesmo ciclo vicioso se repetia, alunos eram podados e limitados de sua liberdade de analisar, enquanto o ensino de literatura era engessado e tinha o professor como agente detentor de todo o conhecimento.

Pude perceber como os docentes insistiam em apresentar obras que se distanciavam completamente dos alunos e de suas realidades e o quão cansativo aquele processo era para ambos os lados. Entendi, então, que cabe ao professor construir um ambiente capaz de trazer os alunos para uma espécie de salto livre na leitura que será feita, entendendo que muitas surpresas podem vir deste lugar, compreendendo, entretanto, que sempre existirão divergências de opiniões em torno de qualquer texto, uma vez que o ambiente da sala de aula é heterogêneo e diversificado.

No meio dessas circunstâncias, me encontrei com a escrita de Carolina Maria de Jesus e de Jocenir José Fernandes Prado. Digo que me encontrei, mas poderia dizer que fui atravessada por suas narrativas. Em “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” e “Diário de um Detento: O Livro”, os autores registraram suas diferentes realidades numa espécie de memorial. Seus diários trazem à tona o lado feio da legislação e das políticas sociais do nosso país, tecendo críticas ao sistema e ao desleixo com a população negra e periférica. Naquele momento, eu tive a certeza de que queria me aprofundar no gênero diário e nos fortes relatos que Carolina e Jocenir traziam, através de conversas literárias em que os estudantes pudessem dissertar e trazer suas visões distintas sobre aquelas realidades, promovendo um debate sadio e respeitoso, com o intuito de produzirmos, ao final, diários de leitura sobre as obras.

O professor e ensaísta francês Phillipe Lejeune, reconhecido como um especialista em autobiografia, define o diário como um vestígio onde o diarista registra o seu cotidiano, suas

memórias e passa por um processo de autoconhecimento, uma vez que o papel funciona como um espelho e, através da escrita, a imagem do diarista se transforma a cada dia. O diário funciona também como um método de resistência às condições vividas por aquele que o escreve, buscando na escrita um refúgio.

O diário é uma série de vestígios. Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências. O vestígio único terá uma função diferente: não a de acompanhar o fluxo do tempo, mas a de fixá-lo em um momento-origem. O vestígio único será não um diário, mas um “memorial”. (...) Digamos apenas que um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo). (LEJEUNE, 2008, p. 260-261)

Sendo assim, o propósito do projeto era que os alunos pudessem expressar em seus diários aquilo que eles sentiam ao se depararem com a escrita das obras que seriam lidas durante as aulas e com as questões sociais que perpassavam tais obras. Minha ideia era que os estudantes compreendessem que o processo de escrita também deve influenciar na maneira como interpretamos aquilo que lemos. E, no processo de elaboração dessa escrita, eles poderiam se dedicar à construção deste memorial.

Com o intuito de exercitar a leitura e a escrita livre e criativa dos alunos através dos diários de leitura, precisávamos compreender como as leituras eram encaradas e aplicadas nas escolas. Segundo Annie Rouxel, existem dois tipos diferentes de leituras que podem ser realizadas dentro da sala de aula, sendo elas a leitura analítica e a leitura cursiva. Respectivamente, a primeira diz respeito a uma espécie de leitura lenta e que foca na aquisição de saberes que permeiam o texto e não na leitura do texto propriamente dito, ignorando de certa forma as particularidades daquilo que se lê, enquanto a leitura cursiva traz consigo um caráter de identificação, abrindo espaço para que os estudantes se enxerguem ou não na leitura.

A leitura cursiva introduz, na leitura escolar, um espaço de liberdade para o sujeito leitor. A confrontação de comentários de poemas, uns seguindo o procedimento analítico, outros na sequência de leituras cursivas, é esclarecedora (ROUXEL, 2005, p. 201-202): ao passo que os primeiros se interessam pelo jogo das formas e organizam em torno de eixos de estudo hierarquizados, os segundos introduzem as reações do leitor e abandonam a estrutura canônica. (ROUXEL, 2007, pág. 276)

Com base nisso, o intuito do projeto era fazer uma mescla de ambas as leituras, fazendo com que os alunos conseguissem compreender a função do diário e mergulhassem nas circunstâncias em que as obras trabalhadas foram escritas. O processo consistiria no exercício da liberdade de pensamento e expressão, onde pudéssemos, juntos, refletir sobre aquilo que estávamos lendo.

Foi então que conheci minha professora supervisora de estágio, Agatha Krauss. Seu trabalho com os alunos envolvia, além de uma escuta ativa, afetividade e muito respeito à

individualidade de cada um. Conversei com ela sobre a possibilidade de iniciar um projeto com as turmas do 8º ano e ela me deu total apoio. O GET Gurgel do Amaral, escola municipal localizada na Ilha do Governador onde realizei o meu estágio obrigatório, não possuía os exemplares dos livros em quantidade suficiente para que eu pudesse trabalhar com as turmas. Diante disso, resolvi selecionar alguns trechos de ambos os diários para usar em sala com os estudantes. O intuito era usar trechos que captassem a essência do gênero textual diário e daquilo que os autores queriam transmitir aos leitores.

As turmas, apesar de bem diversas, eram turmas compostas, majoritariamente, de alunos pretos, periféricos e provenientes de famílias pobres, mas, ainda assim, diferentes narrativas surgiram em nossos debates, o que me fez perceber o quão importante é abrir espaços de diálogo livre de julgamentos para ouvir aquilo que os alunos têm a dizer, sejam posicionamentos positivos ou negativos em relação às obras selecionadas. Em sua obra “Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura”, Cecília Bajour menciona a importância de retornar aos textos lidos através da conversa e sobre como esse exercício proporciona um encontro de diferentes percepções. E era exatamente essa a ideia do projeto. Permitir que narrativas distintas se encontrassem e construíssem novos saberes, novas pontes e novas perspectivas.

O regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo. A princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si e desse modo ensaia sua leitura como um músico quando lê uma partitura. Nesse ensaio, a pessoa muitas vezes se surpreende com os sons de sua própria interpretação. Pôr para fora, para outros, a música de nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios que os textos nos despertam. Como em um ensaio de orquestra, o texto cresce em acordes só antes e dissonantes com ecos às vezes inesperados para os intérpretes. (BAJOUR, 2012, p. 22)

Para alcançar resultados positivos, era necessário conceder aos alunos a possibilidade de ocupar esse espaço de reflexão, crítica e interpretação. O projeto visava, principalmente, a autonomia das percepções dos alunos, com o intuito de mostrar que eles eram capazes de construir saberes sem que fossem invalidados.

2. QUARTO DE DESPEJO

2.1. 13/10/2025 – TURMA 1801

Minha primeira aula foi com a turma 1801. Neste encontro, utilizei o plano de aula que elaborei para a minha regência, para que as aulas fossem parecidas, com o intuito de fazer uma comparação entre as turmas e o debate, consequentemente, se mantivesse coeso e organizado. Nesta aula seriam trabalhadas duas habilidades da BNCC com os alunos, levando em consideração sua série e seu desenvolvimento em sala de aula; a habilidade EF8LP27, cujo objetivo é tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc, e a habilidade EF69LP07, cujo objetivo é desenvolver a capacidade de produzir textos em diferentes gêneros, considerando o contexto, o propósito, o público, o suporte e a variedade linguística para que o texto seja adequado à sua finalidade.

O intuito era conduzir uma roda de conversa com os alunos, trazendo características do gênero textual, apresentando a autora e sua obra, o contexto histórico em que foi produzida e, dessa forma, trabalhar o conceito de humanização que, segundo Antônio Cândido (1988), consiste no exercício da reflexão, para que os alunos compreendessem a complexidade presente na literatura de Carolina. Abrindo, então, caminhos para reflexões a respeito de racismo, preconceito linguístico, múltiplos letramentos e resistência na favela.

De acordo com Rildo Cosson (2012), o processo da motivação da leitura é importante para que o aluno se sinta instigado e preparado para entrar no texto. Baseada neste conceito, iniciei com a turma uma análise dos elementos paratextuais do livro, como a capa, contracapa, cor, título e subtítulo, com o objetivo de ouvir aquilo que eles tinham a dizer, sabendo que diferentes perspectivas e concepções surgiriam.

Nesse caso, é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor. É preciso confiar mais em ambos, sobretudo quando tratamos de leitura literária. Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura. (COSSON, 2012, p. 60)

Baseada nesse princípio, levei para os alunos a 10ª edição de [“Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”](#), que possui uma capa azul. Como a análise da capa seria o nosso item motivador, esperei que os alunos pudessem analisar e tirar suas próprias conclusões. Após esse

momento de reflexão, questionei os alunos quanto ao título do livro. O que eles pensavam sobre “Quarto de Despejo”? Alguns alunos se manifestaram e disseram que era um lugar em que guardávamos entulhos ou coisas sem valor. Outros disseram que era um cômodo em que despejávamos lixo ou objetos irrelevantes. Carolina vai dizer que “a favela é o quarto de despejo de uma cidade”, sendo assim, os pobres e marginalizados eram “jogados” na favela, no intuito de serem excluídos do resto da sociedade.

No ano de 1956, Juscelino Kubitschek foi eleito como presidente da República. Um período de muita tensão política, visto que o Brasil vivia sob ameaças de um golpe de Estado por parte dos militares. Durante seu governo, Juscelino apresentou um plano constituído por 30 metas que precisavam ser alcançadas durante seus 5 anos de presidência (o famoso 50 anos em 5). Neste momento, o Brasil viveu um grande avanço industrial, além de fazer muitos investimentos na manutenção e construção de novas rodovias e na construção de Brasília. Para que isto fosse possível, era de extrema importância contar com mão de obra barata. Inicia-se então o grande êxodo rural. Pessoas saíam do interior do país para buscarem oportunidades de emprego nas grandes metrópoles. E é dessa forma que surge a favela do Canindé, em São Paulo, lugar que Carolina Maria de Jesus morava. Um amontoado de casas, com um volume gigantesco de pessoas sem perspectiva de uma vida melhor e sem acesso a direitos básicos.

Partimos, então, para a análise do subtítulo do livro. O que Carolina quis dizer com “Diário de uma Favelada”? O que seria um diário? Uma das alunas disse que era onde escrevíamos sobre nossa vida, nossa rotina, nossos sonhos e onde desabafávamos sobre os momentos tristes e difíceis. De acordo com Philippe Lejeune (2014), apesar de possuir algumas exigências como a data, por exemplo, a forma de se escrever um diário é muito livre, tornando cada escrita singular e transformando o diário numa espécie de memorial. Basta lermos para descobrirmos a vida de quem o fez. No caso de Carolina, ela resolve produzir um diário que retrata o cotidiano de uma mulher negra, mãe solo, neta de escravos que vive a experiência da favela. Abordamos o fato de que, ao descobrir a história da escritora, Audálio Dantas – repórter que descobriu Carolina e editor de Quarto de Despejo – compreende que sua reportagem sobre a vida dos favelados deveria ser escrita por quem ocupasse aquele lugar de fala. Nesse momento, nasce a escrita de Carolina. Sua voz toma forma e começa a ecoar, impactando vidas e mudando a mentalidade de muitos. Durante a conversa com os alunos, falei sobre o quão importante era termos pessoas periféricas ocupando espaços de destaque e, em suma, eles concordaram que era necessário romper as barreiras do preconceito para que a favela fosse ouvida e reconhecida como uma parte primordial da sociedade.

Ao iniciarmos a análise dos elementos gráficos que compunham a capa (fontes, ilustrações e cores), perguntei o que eles achavam da cor escolhida, um azul empoeirado, para a capa. Alguns disseram que remetia à melancolia; outros que remetia a algo sujo, encardido. Ao analisarmos as ilustrações, os alunos rapidamente reconheceram as favelas por conta das pequenas casas amontoadas. Por fim, analisamos a fonte utilizada no título e os alunos comentaram que as letras “desgastadas” remetiam a manuscritos.

Após analisarmos e tecermos as considerações relacionadas aos elementos paratextuais, iniciamos a leitura guiada dos trechos selecionados do diário de Carolina. Meu objetivo para esta primeira aula era selecionar trechos que explicitassem desabafos, pensamentos, conservação de memória e resistência. Selecionei, então, 5 trechos para lermos juntos e refletirmos sobre os assuntos abordados. Deixei claro aos alunos que aquele espaço era seguro para que eles fizessem uma leitura autônoma e uma interpretação sem qualquer tipo de julgamento da minha parte ou da professora regente. Era o momento em que eles poderiam se identificar ou não com o texto, trazendo suas próprias reflexões, tornando o debate o mais heterogêneo possível.

Leitura autônoma e pessoal, ela autoriza o fenômeno da identificação e convida a uma apropriação singular das obras. Favorecendo outra relação com o texto, significa um desejo de levar em conta os leitores reais. Na verdade, conforme as classes e os docentes, a leitura cursiva revela práticas muito heterogêneas que vão desde a quase autonomia do aluno – até mesmo com o abandono do jovem leitor a ele mesmo –, à orientação mais ou menos precisa a leitura por meio de instruções. (ROUXEL, 2007, p. 276)

De maneira espontânea e livre, assim como Rouxel defende, a primeira coisa que os alunos repararam foi como a fome é uma personagem presente. Em todos os trechos que lemos, Carolina falava sobre a fome que assolava não só a sua casa, mas toda a favela do Canindé. Muitos dos alunos expressaram olhares tristes em relação à realidade da autora. Conversamos sobre como aquele tópico era atual, mesmo depois de tantos anos. Além disso, conversamos sobre como a construção da escrita de Carolina era algo que transcendia sua época e sua realidade. Juntos, pudemos compreender que a autora lutava não apenas contra a fome, mas contra tantos preconceitos e rótulos que a subjugavam diariamente.

Escrevemos e lemos para aprender a olhar em profundidade e, se aprendemos, descobrimos que mesmo no mais comum habita o extraordinário, e no mais correto se aninham a incorreção e o incômodo. Com esse incômodo, aprendemos, pois a leitura e a escrita são caminhos na contracorrente dos próprios preconceitos e prenoções com respeito a pessoas e à ideia de que o outro necessita menos ou sabe menos ou sofre menos ou tem menos direito do que nós. (ANDRUETTO, 2025, p. 129)

Apesar de Carolina relatar seu cotidiano, a autora nos envolve em uma escrita profunda, crua e sem melindres. Conversamos sobre como o ler e o escrever eram elitizados e

sobre o porquê de muitas pessoas não terem acesso à tais práticas. O intuito era que os alunos compreendessem que essas ferramentas, além de fundamentais para nossa formação como corpo da sociedade, são possibilidades de romper com preconceitos e ir na contramão de preconceitos e pensamentos elitistas.

No quesito da linguagem utilizada por Carolina, um dos alunos disse achar que ela usava uma linguagem muito formal para alguém que havia cursado só até o 2º ano do Ensino Fundamental 1. A partir desse comentário, introduzi o debate sobre letramento. O prefácio da obra de Carolina é escrito por Audálio Dantas. Em um trecho, o editor e repórter diz que se impressiona com a desenvoltura da escrita de Carolina e se choca como uma mulher semianalfabeta era capaz de escrever de tal maneira. Por que Audálio a considerava uma semianalfabeta? Como pode uma pessoa com tão pouco estudo dominar tão bem a língua e se comunicar da maneira que Carolina se comunicava? A autora falava sobre política, sobre história, sobre os problemas sociais que afetavam a favela e se portava de uma maneira diferente do restante dos moradores, o que nos faz questionar até onde alguém é ou não suficientemente letrado e qual seria a régua utilizada para definir isso. Falamos, então, sobre os padrões e estereótipos preconceituosos que eram e são impostos até hoje sobre os favelados.

No trecho do dia 13 de Maio (dia da Abolição da Escravidão) de 1958, Carolina pede para que Deus continue abençoando os brancos, para que os pretos sejam felizes. Além disso, a autora diz que, nas cadeias, os pretos eram como bodes expiatórios. Trouxe o significado da expressão para a turma e indaguei: que culpa os pretos carregavam? E recebi respostas como “a culpa de não terem oportunidades”, “culpa de terem sido escravizados” e, por fim, “culpa por terem nascido da cor que nasceram”.

Após todo o debate que se deu em nossa roda de conversa, propus a elaboração de um diário de leitura com base nos trechos lidos em sala. Nessa primeira aula, nosso tempo era reduzido, então os alunos não tiveram muito tempo para a escrita. Percebi também que muitos deles tiveram dificuldades de compreender a proposta da atividade. O objetivo era fazer um diário que conversasse com o livro. Memórias, pensamentos, críticas e sentimentos em relação à obra de Carolina. Expliquei a proposta novamente, mas percebi que muitos ainda não conseguiam compreender o objetivo da atividade e isso refletiu em suas escritas. Apesar das dificuldades, alguns alunos ainda produziram seus diários. Fiz questão de não fazer grandes correções ortográficas e gramaticais visto que o diário é, teoricamente, um gênero textual íntimo e possui um controle ortográfico menor. Além disso, a obra de Carolina Maria de Jesus traz essa forma de escrita.

Eu achei a autora Carolina Maria de Jesus uma mulher guerreira, esforçada e corajosa, por que independente de todos os sofrimentos e dificuldades que ela passou com os seus filhos, ela tentou ver uma luz no fim do túnel, e com o seu esforço ela conseguiu dar a volta por cima. (A.)

De maneira geral, percebi que a turma encarou Carolina como uma mulher que venceu obstáculos e rompeu barreiras, o que a tornava uma mulher admirável aos olhos dele. Mas a realidade era que Carolina não possuía escolhas. Sua maneira de encarar o mundo refletia um instinto de sobrevivência, uma vez que a autora era mais uma das milhares de pessoas marginalizadas e negligenciadas pelo Estado. Carolina não deveria ser considerada uma mulher guerreira, mas sim uma mulher sobrecarregada e invisibilizada.

13 de outubro de 2025

Hoje minha professora de português leu um diário, achei interessante na parte que a mãe das crianças que ela fala sobre fome e que ela tem dó dos filhos dela. (A.)

Nesse diário foi igual meu aniverssário que eu também queria um par de sapato mais hoje em dia no Brasil ta muito caro as coisas, e eu queria muito porque é muito lindo, por que agente tenque trabalhar pra ganhar as coisas que agente quer e tem pessoas necessitadas que não consegue trabalhar pra ter suas próprias coisas, e acaba que essas pessoas tenque pegar no lixo. Isso pra mim é triste. (S.)

Muitos dos alunos vivem nas favelas e compartilham de experiências iguais ou parecidas com as de Carolina. Foi de extrema importância tratar com sensibilidade e tato assuntos como fome, pobreza e marginalização. Muitos deles trazem marcas de traumas provenientes da vida difícil nas favelas, o que fez com que boa parte da turma se identificasse com Carolina.

13 de outubro de 2025

Na escola a minha professora falou um pouco sobre um livro “Quarto de Despejo” que fala sobre uma “favelada”, nesse livro eu pude perceber a fome presente igual aos dias atuais, nem todo mundo tem condições de comprar um alimento e isso é muito triste. (A.L.)

A insegurança alimentar foi um tópico que chocou a turma e percebi que isso foi um assunto muito latente nos diários dos alunos. Além disso, a turma pôde compreender o quão atual é a escrita e o cotidiano de Carolina.

Para mim, a primeira aula do projeto foi impactante. Me senti atravessada pelos diários dos alunos e por suas colocações. Me enxerguei como professora regente pela primeira vez e compreendi que, muito além de detentora do conhecimento, eu devo estar em sala de aula como uma ouvinte também, abrindo espaços e caminhos para que os meus alunos possam compartilhar suas perspectivas e construir saberes de maneira conjunta, além de refletir sobre temas e aspectos sociais que afligem o nosso país.

Nessa mesma aula foi que realizei a minha regência. Utilizei o plano da aula anterior e fiz alguns ajustes para que tivesse um melhor proveito do debate. O intuito era perceber a diferença na forma como as turmas desenvolviam suas percepções e pensamento crítico a partir de suas vivências, experiências e opiniões. Nessa aula tivemos um tempo maior, o que proporcionou a realização de uma atividade melhor elaborada e menos corrida. Como o plano de aula havia sido o mesmo utilizado na aula anterior, as habilidades da BNCC que seriam desenvolvidas em sala eram as mesmas.

Quando apresentei à turma a obra que trabalharíamos juntos e a autora, alguns alunos disseram já conhecer Carolina Maria de Jesus. Um deles, inclusive, disse que, quando estava no 5º ano, a professora de português trabalhou “Quarto de Despejo” com a turma e propôs atividades voltadas para o gênero textual diário. Outro aluno disse que sabia que ela era uma catadora de papéis e que lia tudo aquilo que estava ao seu alcance, desde revistas cedidas por seus vizinhos até jornais que Carolina encontrava no lixo. Perguntei aos alunos quem tinha ou já teve um diário e percebi que a maioria daqueles que disseram já ter escrito um diário, eram meninas. Seguimos na mesma análise que havia sido feita na aula anterior sobre os elementos paratextuais da capa e contracapa. Nesse encontro, contei com mais de um exemplar do livro, o que possibilitou que toda a turma pudesse olhar de perto, folhear e visualizar as ilustrações presentes no interior da obra. Apesar das observações feitas em relação à capa terem sido similares às da turma 1801, uma aluna levantou um ponto muito interessante e que chamou atenção de todos. A cor escolhida para essa edição do livro é azul, mesma cor utilizada nas lixeiras recicláveis destinadas ao papel. A escolha não foi por acaso. Percebe-se que nesta obra, assim como em tantas outras, escolhas como essa demonstram ter um motivo específico, seja para fazer uma alusão a algo ou não.

Partimos então para a discussão do porquê de Carolina ter demorado tanto a ser reconhecida como uma potente voz da literatura brasileira. Uma das alunas apontou a desigualdade social como causa e a invisibilidade e censura de sua escrita como consequência, enquanto outro aluno apontou o racismo estrutural como motivo principal. Por ser uma mulher, negra, mãe solo e periférica, a elite que fazia parte e construía o movimento da literatura brasileira não tinha interesse em ouvir o que a autora tinha a dizer. Conversamos sobre o incômodo que surge quando pessoas faveladas, pretas e desfavorecidas expressam sua opinião. Em um dos trechos lidos em sala, Carolina diz que talvez algumas pessoas leiam aqueles relatos e duvidem da veracidade. Ao questioná-los sobre, eles disseram que as pessoas que vivem fora

da realidade da favela sempre vão querer falar com “conhecimento de causa” (termo usado por um dos estudantes), criando rótulos e estigmas sobre os periféricos.

Como uma mulher periférica, trazer aquele debate para a sala de aula foi algo que me impactou de formas inimagináveis. Hoje, aos 25 anos de idade, compreendo com clareza que nunca foi e jamais será interesse da elite que o pobre chegue a lugares de destaque, a fim de trazer visibilidade para os seus. Carolina é um exemplo a ser seguido. Apesar dos fortes relatos, ela foi e é até hoje uma representante da favela. Pude perceber, diante das falas dos alunos, que eles também queriam ser vistos e ouvidos. Todos ali tinham algo a falar, a denunciar e a requerer.

Diferentemente da turma anterior, nesta os alunos perceberam que o livro continha erros gramaticais. Expliquei que Audálio Dantas, editor do livro, manteve os erros presentes na escrita de Carolina propositalmente, e então perguntei à turma o que poderia ter motivado essa escolha do editor. Uma das alunas disse que o intuito era deixar registrada a marca das palavras de Carolina e que não faria sentido “melhorá-las”, pois não seriam puramente suas. Demos início, então, a uma conversa sobre variação e preconceito linguístico. Falamos sobre o impacto sociocultural na fala e sobre como os meios em que estamos inseridos influenciam diretamente na maneira que nos comunicamos. Alguns alunos mencionaram os sotaques, as gírias e os vícios de linguagem como características da variação e ainda observaram que dentro de um mesmo ambiente (favela, escola, trabalho) este fenômeno pode existir.

Em relação ao preconceito linguístico, conversamos sobre como é importante compreender que algumas escritas são reflexos da oralidade e que, em seu caso, a autora escrevia a partir de uma experiência marginalizada. E mesmo com pouco estudo e pouco acesso, Carolina conseguia expressar-se muito bem, dominando a linguagem.

Os alunos perceberam o quão sacrificante era a rotina de trabalho da autora para que conseguisse sustentar os 3 filhos, principalmente em dias de chuva. Em um determinado momento, um dos alunos (incluído) disse que também morava em uma favela e que entendia as reclamações de Carolina em relação às condições de vida. Perguntei como ele se sentia morando em um lugar como aquele e ele disse que já havia se acostumado com a rotina, pois era algo normal. De acordo com ele, “é preciso ter paciência”. Enquanto falávamos sobre moradia, um dos alunos perguntou como era esse barracão que Carolina vivia e se era um espaço grande que ela dividia com outros moradores. Expliquei que, normalmente, as divisões nos barracões eram feitas com pedaços de madeira.

Durante a leitura do trecho do dia 23 de Julho de 1955, notamos que Carolina não precisou dizer que o Seu João era um homem branco para que percebêssemos. No momento em

que ele diz que nunca havia visto uma preta gostar tanto de ler quanto Carolina, é impossível não perceber o racismo em sua fala. Percebemos também, pelo pronome de tratamento utilizado por Carolina, que se trata de uma relação de respeito, quase como uma hierarquia. Refletimos sobre como os pretos e favelados eram e são encarados como indignos de usufruírem de determinadas coisas, como a literatura, o acesso aos estudos e condições dignas. Um dos alunos disse que era como se o único direito que eles tinham era o de sofrer.

Antes de iniciarmos a atividade, levei trechos de diários de leitura dos bolsistas do PIBID¹ para ler juntamente com a turma, com o intuito de facilitar a compreensão da proposta. Fizemos a leitura dos 3 trechos e então os alunos conseguiram entender com mais facilidade como era o processo de escrita de um diário de leitura. Expliquei que era importante que seus relatos fizessem uma ponte com a obra lida, mas que a escrita era livre. A turma abraçou a ideia da atividade e todos os alunos escreveram seus diários.

A seguir, selecionei alguns trechos dos diários de leitura produzidos pelos bolsistas do PIBID nesta aula para analisar:

14/10/2025

Hoje, na escola lemos um livro da Carolina Maria de Jesus, e por eu ser uma pessoa que observa muito como o sistema capitalista é prejudicial ao nosso mundo, eu percebi que este livro traz uma descrição perfeita dos males do capitalismo, onde o rico fica mais rico e o pobre fica mais pobre. Se você tirar o estudo do pobre, ele aceita ser explorado, maltratado e negligenciado por migalhas de salário, no capitalismo você coloca as áreas pobres nos cantos, sem lugar de fala, marginalizados. Carolina não com a maioria das coisas consideradas “coisas de favelado”, mesmo sendo favelada. Ela representa como a mulher negra da favela é marginalizada e como as pessoas não querem que os favelados cresçam na vida, fazendo da favela, o verdadeiro quarto de despejo. (Y.)

Ler os diários da turma 1802 foi algo espetacular. Por ser uma turma engajada e muito politizada, senti que eles encararam a escrita de Carolina com um olhar diferente. Não um olhar de pena, mas um olhar de resistência.

14 de outubro de 2025

Sempre morei em comunidade, sei como é ser morador da favela. Por quantas operações já passei? Nem dá para contar nos dedos, porém a favela é uma certa vítima de preconceitos e essa não é a mesma realidade que todos veem, mas que a favela vivencia. (L.)

¹ O PIBID/UFRJ (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Rio de Janeiro) é um programa da CAPES que insere estudantes de licenciatura no dia a dia de escolas públicas, oferecendo bolsas para vivenciar a prática docente, enriquecer sua formação, e integrar a universidade com a educação básica, valorizando professores e construindo a identidade profissional dos futuros professores.

Percebi que a turma trouxe perspectivas que iam além daquilo que Carolina denunciava. Muitos deles trouxeram relatos que falavam sobre a violência policial a que os favelados eram submetidos e os preconceitos que enfrentam diariamente.

14 de outubro de 2025

Eu achei que o livro retrata bem uma história de quem mora na favela, não inventa coisas, e mostra como pode ser doloroso. Pessoas passando fome, os moradores de rua e como pode ser amargo o gosto da sobrevivência e como a realidade pode ser difícil, trágica e repetitiva. (V.)

Apesar de possuírem a mesma faixa etária, percebi que a maneira como as turmas encaravam a realidade era bem diferente. Pode-se dizer que a turma 1802 tomou para si a obra de Carolina de maneira que eles se apropriaram de sua escrita. A partir desse exercício, tivemos o resultado de diários que iam além daquilo que a Carolina escrevia, uma vez que os alunos observavam as entrelinhas e refletiam sobre temas pertinentes.

14/10/2025

Hoje eu li “Quarto de Despejo” e, sinceramente? Mesmo eu sendo nascida e criada na favela, é uma realidade distante da minha. Tudo bem que as vezes encontro a geladeira vazia, as vezes pego roupas de doação, outras vezes coloco um prego no chinelo quando arrebenta, mas nada como procurar comida no lixo ou dormir com fome. A vida foi cruel com Carolina, mesmo que ela fosse forte e sempre resistisse, lutando por ela e por seus filhos. Me identifico com algumas coisas, óbvio! Cresci no mesmo lugar que ela morou, a favela. Me doeu ler a experiência dela com a fome, ela dizer que nem sabia o que iria comer naquele dia, que seus filhos chegavam a vomitar vermes, foi uma leitura dolorosa justamente por ser verdade, por ser uma história real de uma pessoa real. (E.)

Ler o diário desse(a) último(a) aluno(a) me tocou de uma maneira inacreditável. Talvez por ter nascido e crescido na favela e por ter visto de perto realidades que pareciam ser tão distantes de mim, me senti impotente. Chorei, me recompus e compreendi que a sala de aula, assim com o próprio diário, deve ser um espaço de resistência.

Assim como Carolina utilizou a escrita como uma válvula de escape, pude perceber isso nos diários da turma 1802. Ver diferentes perspectivas e ouvir relatos distintos agregou muito valor à atividade proposta. Muito mais do que um projeto, trabalhar Carolina Maria de Jesus com o 8º ano foi uma experiência antropológica. Finalizei as aulas sobre “Quarto de Despejo” deixando claro que os alunos eram capazes e que tudo aquilo que eles tinham para falar era válido.

3. DIÁRIO DE UM DETENTO

3.1. 27/10/2025 – TURMA 1801

Na segunda parte do projeto, demos continuidade ao gênero textual diário, mas dessa vez fiz uma escolha de leitura diferente. Minha ideia era criar um ambiente mais heterogêneo, trazendo não apenas a leitura para a sala de aula, mas a música também para abordarmos a literatura carcerária. Sendo assim, como item motivador para iniciarmos esta aula, levei uma caixa de som para que pudéssemos ouvir juntos a música “Diário de um Detento” dos Racionais MC’s. Inspirada no livro homônimo, a música traz trechos dos diários de Jocenir e composições de Mano Brown, líder do grupo de rap. [O livro](#), publicado em 2001, é uma espécie de memorial que relata experiências vividas pelo autor dentro de diferentes cadeias de São Paulo, incluindo a Casa de Detenção de São Paulo, mais conhecido como Carandiru. Em 1997, o grupo de MC’s lançava a música que retrata a violência policial, as injustiças e corrupções que permeiam o sistema carcerário brasileiro. Além disso, a canção faz referências ao massacre do Carandiru que ocorreu em 1992, onde 111 presos foram assassinados pela polícia.

Antes de apresentar a obra de Jocenir e seu contexto histórico, fizemos uma recapitulação da aula anterior. Falamos novamente sobre o diário, suas funções e características e também relembamos a história e obra de Carolina Maria de Jesus. Os alunos lembraram de seu importante papel na literatura brasileira e na representatividade da voz da favela. Em continuidade, perguntei aos alunos se eles conheciam o grupo Racionais MC’s e me surpreendi ao ver muitas mãos levantarem. Distribuí então a letra da música para que eles pudessem acompanhar e liguei a caixa de som. Ouvimos toda a música e, ao terminarmos, perguntei se a turma havia entendido sobre o que se tratava a música e todos disseram que se tratava sobre a vida de presidiários. Em seguida, pedi aos alunos para que fizessem apontamentos sobre o que chamou atenção deles na letra cantada por Mano Brown. O primeiro aluno mencionou o trecho em que o cantor diz Tem uma cela lá em cima fechada / Desde Terça-feira ninguém abre pra

nada / Só o cheiro de morte e Pinho Sol / Um preso se enforcou com o lençol. Conversamos então sobre o alto índice de suicídio que aflige as penitenciárias. De acordo com o Jornal de Brasília, no ano de 2023, em presídios femininos e masculinos, o suicídio foi a 2ª maior causa de mortes entre detentos, ficando atrás de doenças e problemas de saúde. Das 1773 mortes, 191 (10,8%) foram suicídios. Expliquei para os alunos que esses dados se dão por conta das condições precárias a que os presidiários são submetidos.

Continuamos o debate em torno da música e falamos sobre o fato de Mano Brown mencionar a distribuição de comida estragada, o exorbitante índice de pneumonia e a invisibilidade da população carcerária. Um dos alunos mencionou o trecho Homem é homem / Mulher é mulher / Estuprador é diferente, né? e disse que não havia compreendido o sentido. Os próprios alunos fizeram questão de explicar para o colega que, nessa parte, a letra falava sobre a desumanização dos estupradores. Falamos então sobre alguns trechos em que Jocenir menciona que os presídios possuíam uma ética própria e que, tudo aquilo que ele compreendia como certo ou errado fora da cadeia, lá dentro era entendido de uma maneira completamente diferente.

Um dos alunos perguntou sobre como o cantor e o autor se encontraram e como essa parceria se deu. Pedro Paulo Soares, um dos fundadores do grupo Racionais MC's e mais conhecido por Mano Brown, é uma potente voz da periferia. O artista é uma figura pública que assumiu o papel de representar a favela e escancarar a realidade de miséria, violência, desprezo e abandono das periferias de São Paulo. Em 1996, o cantor foi convidado para acompanhar uma partida de futebol e conhecer Jocenir. Ao ler seus diários, o rapper pediu permissão para levar alguns deles. No final de 1997, a música foi lançada e o grupo ganhou notoriedade nacional.

Iniciei a apresentação da obra de Jocenir e introduzi o contexto em que o livro foi escrito. Jocenir José Fernandes Prado, autor de “Diário de um Detento: O Livro”, foi preso injustamente, acusado de receptação de carga roubada. Os alunos ficaram surpresos e indignados ao descobrirem que a prisão dele foi tramada por policiais e pelo seu próprio irmão que, ao perceberem que corriam o risco de serem presos em flagrante, decidiram usá-lo como bode expiatório. Jocenir foi condenado a 8 anos e 3 meses de prisão e cumpriu 4 anos. Durante este período, o autor revelou em seus diários os horrores que presenciou como o uso indiscriminado de drogas, rebeliões, acerto de contas e tantas outras situações.

Perguntei aos alunos como eles achavam que as drogas chegavam dentro das penitenciárias e muitos deles disseram que os familiares levavam nos dias de visita. Perguntei então como eles achavam que essas pessoas passavam pela revista feita na entrada dos presídios e tivemos alguns segundos de silêncio. Enquanto alguns alunos pensavam nas possibilidades, um dos meninos disse que os policiais (agentes penitenciários) eram os responsáveis pelo fornecimento de drogas. Começamos a conversar sobre a corrupção que assola o sistema carcerário com base na fala de Jocenir, onde o autor menciona a conivência por parte dos agentes. Um dos alunos disse que “o sistema é sujo”. Usei essa fala dele como gancho para iniciarmos um debate sobre o papel da polícia no combate ao crime. Muitos alunos disseram

ser contra a polícia. Alguns deixaram claro que não estavam generalizando e que entendiam que nem todos os policiais eram iguais, mas que boa parte se corrompe dentro da corporação.

Ao falar sobre as barbaridades vivenciadas durante uma rebelião, Jocenir menciona o prazer estampado nos rostos dos policiais enquanto batiam nos presos, ironizando toda a situação e tratando como um verdadeiro espetáculo. Os presidiários, muitos já com ossos quebrados, sangue escorrendo, roupas rasgadas e hematomas por todo o corpo, eram obrigados a declarar amor à PM, ao Choque e à Rota, caso contrário, eram obrigados a ingerir fezes. Horrorizados, os alunos demonstraram desconforto e tristeza por saber que muitos homens eram submetidos a este tipo de tratamento. Começamos a conversar sobre o desleixo por parte do Governo e órgãos responsáveis em relação à população carcerária e perguntei o que a turma achava do tratamento que os encarcerados recebiam. Alguns disseram que viam como consequência dos crimes cometidos; outros diziam ser um absurdo esse tipo de tratamento.

Com base nesses posicionamentos, perguntei aos alunos qual era o papel da prisão na visão deles. Uma das alunas respondeu que a prisão funcionava como uma espécie de castigo pela transgressão à lei. “A lei está aí. Desobedece quem quer. Mas eles devem assumir o risco de suas escolhas” disse a aluna. Com base nisso, perguntei se eles sabiam o que significava “ressocialização”. Nenhum dos alunos conhecia a palavra, então expliquei que, no contexto prisional, a ressocialização era o processo de reintegrar o indivíduo à sociedade através da educação, da capacitação e do trabalho. Sendo assim, o sistema prisional se responsabiliza pela proteção, garantia de direitos, segurança e alimentação desses indivíduos em conjunto com o Estado, que fica responsável pela aplicação de políticas públicas que os preparem para o retorno ao convívio social. Diante disso, fica nítido que o sistema carcerário brasileiro não consegue cumprir o seu papel. Chegamos à conclusão de que os presos saem das cadeias ainda mais revoltados, pois se deparam com um ambiente insalubre, superlotação nas celas, violência extrema por parte dos policiais e corrupção. Nesse momento, alguns alunos demonstraram indignação diante do tratamento que a população carcerária recebia por parte da equipe de segurança. Alguns até disseram que, se estivessem no lugar deles, sairiam da prisão ainda mais revoltados.

Diante desses comentários, conversamos sobre a reincidência criminal, que consiste no ato de um ex-presidiário retornar à vida do crime após cumprir uma pena. Perguntei aos alunos se eles sabiam como e porque isso acontecia e muitos disseram que a forma como os detentos eram tratados dentro das penitenciárias afetava diretamente na maneira em que eles encaravam o sistema e, conseqüentemente, o crime. Uma das alunas lembrou que, quando era pequena e fazia algo de errado, sua mãe a colocava de castigo. Durante o período do castigo,

ela pensava em diversas maneiras de fazer coisas piores e isso se dava por conta do sentimento de revolta. “Se isso acontece com crianças, quem garante que não acontecerá com os homens que estão presos?” questionou a aluna. De acordo com um estudo feito pelo Depen (Departamento Penitenciário Nacional) em parceria com a UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), uma média de 21% dos ex-presidiários reincide ao crime no primeiro ano pós cumprimento de pena, subindo para quase 40% após 5 anos. Os números são exorbitantes e desastrosos, mostrando o quanto o sistema falha na ressocialização.

Visando fazer uma ponte com a escrita de Carolina Maria de Jesus, lemos o trecho em que Jocenir menciona que a maior parte da população carcerária é composta por jovens negros e pobres, moradores da periferia. Perguntei aos alunos o porquê desta afirmação e muitos responderam que, por viverem em situação de pobreza e alguns até de miséria, muitos desses jovens recorrem à vida do crime como válvula de escape. Assim como Carolina afirmava, os alunos disseram que isso era um reflexo da invisibilidade das favelas em relação à elite. Debatesmos então sobre possíveis formas de solucionar o problema da criminalidade que assolava a periferia. A turma concordou que a educação era a chave para que houvesse uma mudança no cenário.

A aula foi muito proveitosa e trouxe debates de extrema importância para a sala de aula. Pudemos observar juntos o papel do diário no resgate da memória e como o gênero traz consigo marcas da personalidade de quem o produz. Percebi que a temática do livro abriu caminhos para diferentes percepções, o que tornou a roda de conversa diversificada. Por conta do horário reduzido, não conseguimos produzir os diários de leitura neste dia.

3.2. 04/11/2025 – TURMA 1802

Antes de dar início à aula, fizemos uma breve recapitulação. Para isso, perguntei se alguém poderia se voluntariar e fazer um resumo da aula anterior, explicando o conceito de diário, mencionando suas características e falando sobre a história de Carolina. Uma aluna prontamente se voluntariou e iniciou a explicação dizendo que o gênero textual diário funcionava como um espaço de registros pessoais, desabafos e reflexões e que uma de suas características principais era a data. A aluna relembrou que Carolina era apenas uma catadora de papel quando foi descoberta por um jornalista (Audálio Dantas) que se interessou por sua escrita. Era mãe de três filhos e vivia uma vida muito difícil. Outros alunos mencionaram que a história de Carolina foi marcada pela fome, miséria, invisibilidade e desigualdade social.

Antes de introduzir o diário de Jocenir e a música dos Racionais MC's, falei com eles sobre o triste fim de Carolina Maria de Jesus. Muitos deles acreditavam que Carolina havia morrido rica, longe da miséria e da pobreza, mas expliquei que, apesar do sucesso, Carolina tornou-se irrelevante e precisou retornar para a favela e para o seu antigo ofício de catar papéis. Perguntei para a turma o porquê de aquele ter sido o fim de Carolina. Um dos alunos mencionou que a elite já não tinha mais interesse em saber a realidade da favela. De acordo com ele, Carolina recebeu seus 5 minutos de fama e retornou ao anonimato porque ninguém mais queria dar ouvidos à favela.

Começamos, então, a ouvir a música juntos. Diferentemente da outra turma, esta estava mais atenta e alguns alunos inclusive conheciam a letra da canção. Quando terminamos de ouvir, perguntei à turma sobre o que Mano Brown falava e prontamente vários disseram que se tratava do massacre do Carandiru. Me surpreendi ao perceber que aquela turma estava por dentro dos acontecimentos daquela época. Pedi para que um dos alunos explicasse como se deu o massacre. Uma aluna explicou que o Carandiru era um presídio muito grande e que, a partir da discussão de dois presos, uma grande rebelião se iniciou. A polícia precisou ser acionada e, “no intuito” de apaziguar a situação, precisou tomar uma postura mais violenta, o que acarretou a morte de 111 presos.

Perguntei à turma se algum trecho em específico havia chamado a atenção deles. Uma aluna mencionou o trecho Ratatatá, Fleury e sua gangue / Vão nadar numa piscina de sangue e disse que não havia compreendido. Expliquei que, na época do massacre do Carandiru, o então governador de São Paulo era Luiz Antonio Fleury Filho, que foi responsabilizado pelas mortes dos presos. Expliquei que o verso “Vão nadar numa piscina de sangue” refere-se à morte dos detentos. Depois disso, expliquei para a turma o contexto da prisão de Jocenir. Não precisei me estender muito para que eles entendessem que o autor sofrera uma injustiça proveniente da corrupção policial. Uma das alunas ficou extremamente chocada quando falei que o roubo de carga que aconteceu enquanto Jocenir esperava seu irmão havia sido orquestrado por policiais.

Iniciamos a leitura guiada e, assim que terminamos o primeiro trecho do diário, começamos um debate sobre como as drogas chegavam à prisão. Assim como na outra turma, alguns apontaram os familiares como responsáveis, enquanto outros diziam que a polícia e os agentes penitenciários eram os responsáveis. Expliquei para eles que, durante a narrativa de Jocenir, o autor menciona a conivência da carceragem no tráfico de drogas dentro das penitenciárias e que isso se dava pelas más condições de trabalho a que eram submetidos. Nesse momento, vi a oportunidade fazer uma ponte com a megaoperação policial que havia acontecido na semana anterior no Rio de Janeiro (28 de outubro de 2025). A megaoperação tinha o objetivo

de cumprir 100 mandados de prisão sobre traficantes do Comando Vermelho no Complexo da Penha. Para muitos, a operação foi bem-sucedida, mas a realidade é que foi um retrato de despreparo, desorganização e crueldade.²

Expliquei que o intuito de operações como aquela é de combater o crime organizado. Questionei a turma se alguém sabia como e onde as facções surgiram. Alguns alunos pensavam, outros diziam não saber. Falei então sobre o fato do Brasil ser um dos únicos países no mundo em que o crime organizado teve início dentro dos presídios, sob a tutela do Estado. Ou seja, todos viram e permitiram que aquilo acontecesse. Nesse momento, a professora Agatha pontuou que o início da facção Comando Vermelho se deu quando começaram a transferir presos “comuns” para o presídio de Ilha Grande, que, até então, era um presídio destinado a presos políticos da ditadura militar. Já o PCC teve início após o massacre do Carandiru, quando os presidiários se uniram para elaborar um sistema que os protegesse. Perguntei a opinião deles sobre o assunto e uma aluna começou o discurso dizendo ter uma certa dificuldade de falar sobre, pois achava o assunto extremamente delicado. Percebi que ela se emocionou quando começou a falar. Ela disse que, apesar de já ter presenciado diversas operações onde mora, nunca havia imaginado algo tão alarmante. “Naquele dia eu fiquei aterrorizada”, disse.

Ela continuou dizendo que percebia o quão sujo era o sistema quando a elite responsável por armar os favelados era a mesma elite responsável por dizimá-los em uma operação como aquela. Nesse momento, eu perguntei para a turma se alguém já havia assistido ao filme “Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora é Outro” e poucos alunos levantaram as mãos. Falei para eles que, no primeiro filme, a ideia era retratar como um policial militar se envolvia na corrupção e como eles eram treinados a enxergar a favela e bandidagem como seus principais inimigos quando, na verdade, seus reais inimigos estavam por trás de todo esse cenário. Já no segundo filme, o enredo muda e o Capitão Nascimento, protagonista do filme, se vê na posição de lutar contra o sistema político que era conivente com o crime organizado. Então, a mesma aluna disse que acreditava que a megaoperação havia sido uma jogada política por parte do atual governador do Estado do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, visto que as eleições se aproximavam. “Acho muito complicado falar sobre isso, porque envolve muita gente inocente que se torna refém”, disse a aluna. Fiz questão de deixar claro que aquele debate não era para defender a criminalidade nem mesmo levantar bandeiras de partidos políticos, mas sim para compreender que esse é um assunto que vai muito além da favela.

² <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clyg64e15j0o>

Nessa aula, além da professora regente Agatha, a agente de educação Julia também estava presente e a mesma teceu algumas considerações como a falta de investimento que permeia a periferia. Julia deu exemplos de governantes que se preocupavam em investir dinheiro em obras infundadas, em vez de investir em educação, cursos de capacitação, artes e/ou música. Dessa forma, o que restava para os jovens favelados era lidar com a realidade da pobreza, sem nenhuma perspectiva de melhoria, pois o único mundo que os era apresentado era aquele.

A professora Agatha deu continuidade ao pensamento da agente de educação, dizendo que precisávamos compreender que, apesar do governo ter dinheiro para investir na educação, um investimento como esse traz retornos que nem sempre serão interessantes para aqueles que estão no poder. Quando oferecemos o conhecimento aos pobres, aumentamos as chances de tornar essa camada da população mais consciente, o que é um risco para políticos que querem apenas manipular a sociedade. Sendo assim, quanto menos esclarecimento, melhor. Além disso, o retorno é a longo prazo. Um prefeito, governador ou presidente possui 4 anos de mandato. Ao investir na educação básica, o retorno viria em 10/15 anos, quando outra pessoa estaria no poder.

Percebi desânimo nos olhos dos alunos. Como se aquilo fosse uma palavra de derrota para eles. Foi o momento que expliquei que era preciso lutar por nossos direitos e que a nossa arma deveria ser sempre a educação. Um povo instruído luta por suas causas e não aceita ser feito de massa de manobra. Agora que estou prestes a me formar, vejo o quão importante é criarmos um ambiente de diálogo com os nossos alunos, para que eles tenham o direito de construir seus pensamentos e terem a liberdade de se expressarem de maneira segura. Nesse momento eu percebi que uma educação sem afeto e sem escuta ativa é uma educação vazia.

Após isso, lemos o segundo trecho do diário em que Jocenir fala sobre a violência policial que vivenciou em uma das rebeliões. Antes mesmo que eu terminasse a leitura, alguns alunos manifestaram sua insatisfação e revolta com o relato do autor. Demos início a um debate sobre qual seria o verdadeiro papel da prisão. Alguns alunos disseram que se trata de um ambiente de reclusão para aqueles que infringem a lei. Trouxe para o nosso debate o conceito de ressocialização e começamos a refletir juntos se o sistema carcerário brasileiro realmente cumpria o seu papel. Um aluno disse que o relato de Jocenir falava por si só sobre o quão falho era o sistema carcerário. Tal qual a turma 1801, os alunos disseram que, se eles vivessem algo igual ou parecido ao que o autor relatou, eles sairiam da cadeia com ainda mais revolta. Nesse momento, dois alunos pontuaram trechos diferentes da música dos Racionais MC's: Minha vida não tem tanto valor / Quanto seu celular, seu computador e tem uma cela lá em cima fechada / Desde Terça-feira ninguém abre pra nada / Só o cheiro de morte e Pinho Sol / Um preso se

enforcou com o lençol. Em ambos os trechos, Mano Brown faz uma alusão à desvalorização da vida dos presidiários e ao sofrimento vivido por eles.

Já que estávamos falando sobre todos os problemas que rodeiam as favelas, perguntei à turma qual seria a solução para o enfrentamento da alta criminalidade. Um aluno prontamente respondeu que a primeira coisa que precisava ser feita era legalizar a maconha. Nesse momento, uma discussão se iniciou entre os alunos que concordavam com o colega e os que discordaram. Enquanto alguns defendiam a ideia de que, com a legalização da maconha, as bocas de fumo sofreriam um impacto e acabariam enfraquecendo, outros discordaram, pontuando que, com o histórico de impunidade no Brasil, as pessoas com mais dinheiro teriam a possibilidade de comprar muito mais do que aquilo que estaria previsto na lei. Após os ânimos se acalmarem, uma aluna começou a dizer que a saída era apresentar um mundo diferente para os moradores da favela, redirecionando a visão dessas pessoas para outras coisas e que isso se daria através da educação, acesso à cultura, artes, música e alguns outros direitos como saneamento básico. Pontuei que o trabalho era árduo, mas era algo necessário.

Enquanto falávamos sobre isso, pensei comigo mesma sobre os inúmeros projetos que já vi serem realizados na comunidade por pessoas da própria comunidade. Cursos pré-vestibulares, alfabetização de jovens adultos, aulas de música, dança e teatro e tantos outros projetos que visavam a melhoria da favela. Mas nunca com um investimento da parte do governo, e sim com o esforço de pessoas que viviam a realidade da favela, mas que tinham a consciência de que aquilo deveria mudar. Pensei sobre as diferentes vidas que podemos viver quando moramos em um lugar como a favela, sobre como existem pessoas que vivem realidades tão opostas mesmo morando na mesma comunidade. É triste e muito, mas muito desmotivante.

Finalizamos a leitura com o trecho em que Jocenir fala sobre a maior parte da população carcerária ser composta por pessoas faveladas e pobres. Os alunos ficaram muito surpresos quando eu disse que o autor era um homem branco e disseram “se ele sofreu tanta injustiça sendo um homem branco, imagina se ele fosse preto”. Perguntei a eles como que a escrita de Jocenir e de Carolina Maria de Jesus conversavam. Um dos alunos falou sobre a semelhança entre as escritas por serem diários, logo, ambos eram relatos de experiências vividas. Falei para eles que eu enxergava a escrita de Jocenir como um reflexo daquilo que Carolina escrevia. Os presídios superlotados, a alta criminalidade e o crime organizado da maneira que conhecemos, eram resultado dos quartos de despejo (as favelas) e todo o descaso que os rodeavam.

Percebi que o andamento dessa aula foi muito diferente da aula anterior com a turma 1801. Apesar de também terem participado do debate e das reflexões, a turma demonstrou mais

dificuldade em desenvolver o assunto e até mesmo de produzir os diários de leitura. Na 1802, antes de iniciarmos a confecção dos diários nesta última aula, expliquei novamente qual era o objetivo do diário de leitura. Enquanto um diário pessoal funciona como um balizador do tempo e um memorial, o diário de leitura serve para registrarmos nossas impressões e reflexões sobre aquilo que foi lido. Reforcei que, apesar de ser um trabalho feito em sala de aula, a escrita era livre e eles tinham a liberdade de fazer pontes com a escrita de Carolina Maria de Jesus e até mesmo com outras experiências, deles ou de conhecidos. Ao final, eles poderiam confeccionar as capas de seus diários da maneira que desejassem.

04/11/2025

Jocenir

Hoje nós lemos a letra da música “Diário de um Detento” que foi inspirada no livro do Jocenir e o livro conta a vivência de um detento, retrata diversos temas como violência policial, corrupção, tráfico de drogas, etc.

E a minha visão sobre o livro é que a falta de educação, o preconceito e a falta de oportunidades faz com que muitas pessoas acabem se refugiando no tráfico/crime, e estes trechos do livro me fizeram pensar sobre a megaoperação do dia 28 de Outubro de 2025, onde mais de 100 pessoas foram mortas e penso, será que isso realmente era necessário? Mais de 100 corpos por uma única pessoa, isso me assusta, desumanizaram pessoas, dizendo que “bandido bom é bandido morto”, perto da eleição o governador quis mostrar serviço, o Rio parou, troca de tiros, ruas paradas, pessoas inocentes correndo risco de vida, corpos na mata decapitados, familiares em prantos, sendo obrigados a procurar os corpos na mata.

A polícia matou peixe pequeno, é fácil entrar na favela, matar “vapor”, “aviãozinho” de 14 a 19 anos, sendo que os verdadeiros bandidos são aqueles que estão na Câmara, aqueles que traficam e vendem as armas que estão dentro das favelas. O crime não vai acabar com essa operação, pelo contrário, os familiares e amigos dos mortos podem se revoltar mais ainda, hoje morreram 121 e amanhã já tem pessoas para repor esses.

Esse sistema explora nós favelados para fazer o trabalho sujo. Os verdadeiros bandidos não estão nas favelas. (Y.)

04 de novembro de 2025

Hoje eu soube um pouco da triste e dolorosa realidade do que os detentos que viviam no Carandiru passaram através do Jocenir, um ex-detento de lá, foi algo triste de ler, algo desconfortável de ter porque querendo ou não, é uma realidade tão distante da minha. E a verdade crua na nossa frente, revelando que o sistema nunca trabalhou, nunca trabalha e NUNCA irá trabalhar a favor dos mais pobres. É triste saber que para muitas pessoas o crime é a única “solução”, a única fonte de renda, é o pão de cada dia. Talvez alguns nunca consigam se reerguer ou se reintegrar na sociedade por ter antecedentes criminais, percam amigos, família e emprego, tudo pelo preconceito. (E.)

4 de novembro de 2025

Hoje pude conhecer a triste realidade dos detentos do Carandiru, através do Jocenir, um ex-detento que foi preso injustamente. Ele escreveu um livro sobre o que eles e os detentos passaram. Saber disso me fez valorizar minha liberdade, alguns relatos são

difíceis de ler, mas é preciso saber mais o que os presos passam por trás das grades. (R.)

Rio, 4/11/2025

Hoje ouvimos uma música chamada “Diário de um Detento” do Mano Brown e uma história de um detento que ficou preso no Carandiru. Ele contou como foi viver preso. Ele contou que não primeira noite no X ele dormiu muito mal, ele acordou de madrugada com gente fumando crack. Uns cinco ou seis presos. Eles estavam agachados com objetos nas mãos e faziam caras diabólicas. Essa história que ele contou é muito triste porque fala sobre os detentos ficarem estragando a vida no mundo das drogas e isso fica feio para os filhos deles. Meu sonho é sair da favela e tirar minha família de lá e ir simhora para a Paraíba. (P.)

Trabalhar “Diário de um Detento” foi a realização de um sonho. Sempre me interessei pela literatura carcerária e poder trazer isso para aulas potentes como essas foi de extrema importância. Ao ler os diários dos alunos, pude ver o quanto eles se sentem sufocados e silenciados pelo lugar em que vivem e pelo sistema governamental que os massacra diariamente. Ver alunos se emocionando ao falarem sobre a violência policial e sobre a triste realidade do mundo das drogas que os rodeia foi algo que levarei comigo para sempre, com o intuito de refletir e incentivar todo e qualquer aluno de que é possível ir além dos preconceitos que nos atravessam. Foi muito importante para mim, uma mulher favelada e que vem de uma família que viveu a realidade prisional, trabalhar e debater sobre temas tão sensíveis e difíceis com as turmas. Mas, muito mais do que isso, foi tocante ver o ambiente respeitoso e acolhedor que criamos em sala para refletir sobre tópicos tão sensíveis.

Os diários foram um resultado incrível e que me deixaram muito orgulhosa do desenvolvimento da turma. Pude perceber que, mesmo com poucas aulas, os alunos desenvolveram sua escrita e seu pensamento crítico, passando para o papel suas percepções e críticas.

CONCLUSÃO:

Ao finalizar esse projeto, me deparei com uma realidade que muitas vezes me atravessava: os educadores, sem que percebam, limitam seus alunos de alcançarem níveis ainda mais altos de compreensão e de desenvolvimento por se prenderem a uma lógica tradicionalista de que a sala de aula só funciona se o aluno estiver prestando atenção no que o professor está expondo, e não se ele participar ativamente do processo de construção de diálogos. Entendi que não cabia a mim levar respostas aos alunos, mas sim ouvir o que eles tinham a dizer, de maneira que as aulas fossem direcionadas para alguns pontos específicos e que eles tivessem a liberdade de dissertar sobre, trazendo seus apontamentos e reflexões para a sala de aula.

Um dos procedimentos fundamentais para que os leitores aprendam a discutir sobre literatura é a garantia de que suas intervenções sejam levadas em conta e de que o professor que coordena a conversa não seja o depositário de nenhuma verdade nem saber absoluto sobre os textos escolhidos. Quando o professor recorre ao próprio texto para que seja ele a responder às novas perguntas ou, mesmo que as deixe em aberto, estará indicando aos leitores o caminho para que consolidem sua argumentação a partir da materialidade do que as palavras e as ilustrações dizem ou calam (BAJOUR, 2012, p. 69).

Falar sobre a favela, sobre a invisibilidade e censura sobre as camadas mais pobres da sociedade, desigualdade social, racismo e violência foi difícil. Sendo uma mulher que veio de um lugar assim, as aulas me tocaram profundamente e fizeram com que eu repensasse os meus privilégios e o meu lugar de fala. Foi necessário sair do centro da sala de aula e da posição de agente detentor de todo o conhecimento para que eu pudesse ouvir atentamente o que os alunos tinham a dizer. Essas atitudes tornaram a nossa sala de aula um ambiente de diálogo livre e respeitoso.

Durante essa experiência única que foi o estágio obrigatório, eu me encontrei com crianças que carregavam consigo histórias, sonhos, ideias, posicionamentos, traumas e muitos saberes para serem compartilhados. E, dentro da sala de aula, em contato com tantas mentes diferentes, eu percebi o quão importante era trabalhar a subjetividade de cada aluno em suas escritas, baseando-me no conceito de Rildo Cosson, em que o autor diz que “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2012, p. 20).

Lendo os diários de leitura que foram produzidos na última aula, pude perceber o quanto os alunos desenvolveram sua escrita e sua capacidade de passar para o papel aquilo que eles tinham em mente. Acredito que isso se deu pelo fato do debate se aproximar da realidade que a maioria dos alunos viveu e vive até hoje. Infelizmente, o tempo que tinha com a turma 1801 era reduzido, o que fez com que as aulas fossem um tanto mais corridas. Fazendo uma

comparação entre as turmas, percebi que a turma 1802 foi bem mais ativa nos debates e na escrita, enquanto a turma 1801 demonstrou mais dificuldades na execução da tarefa proposta. Porém, ambas as turmas desenvolveram os assuntos trazidos para a sala de aula de forma muito proveitosa. Além disso, percebi que, ao levar os trechos dos diários de leitura dos alunos do PIBID, eles conseguiram materializar muito melhor a maneira que deveriam desenvolver sua escrita, mas isso só foi possível na turma 1802, justamente por conta do tempo reduzido.

Analisando de maneira crítica, percebi que deixei de fazer algumas coisas que julgo importantes, como levar o livro físico do Jocenir para fazermos uma análise dos elementos paratextuais, fotos dos dois autores para que os alunos tivessem conhecimento de como eles eram, além de fotos do ambiente em que suas obras foram produzidas, visando um maior e mais direto contato das turmas com a realidade em que os autores estavam inseridos.

Outro aspecto que eu deveria ter me atentado era o de ter lido um pouco mais com os alunos. Apesar de achar que foram leituras proveitosas, gostaria de ter inserido mais trechos, principalmente do livro “Diário de um Detento”. Deveria também ter produzido o diário físico para as duas turmas, e não apenas para a turma 1802 (que foi a turma em que realizei a minha regência).

Apesar de ter percebido algumas falhas durante o planejamento deste projeto e de ter enfrentado alguns imprevistos, fiquei feliz com os resultados e com o fato de ter conseguido alcançar os objetivos que foram estabelecidos, como o de trabalhar o gênero textual diário, de exercitar a escrita criativa e subjetiva e de fazer com que eles exercitassem o pensamento crítico sobre questões envolvidas em ambas as obras que foram trabalhadas em sala. Além disso, as turmas pareceram gostar das obras e das aulas, o que foi muito gratificante e refletiu na maneira como as aulas e os debates se desenvolveram. Além de acompanhar o processo de construção de opiniões sobre assuntos que muitos ali nunca haviam refletido, foi incrível ver de perto todo o processo de construção de um saber coletivo através do compartilhamento de suas interpretações, segundo Rildo Cosson.

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, de construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. (COSSON, 2012, p. 76)

Por mais que não seja uma tarefa fácil, o letramento literário é algo possível e acredito que isso seja tangível através de aulas pensadas para o perfil de cada turma, sempre visando trazer leituras que estejam de acordo com a faixa etária, e utilizando os diários de leitura como

um caminho para a melhor compreensão daquilo que se lê, possibilitando o aluno de refletir sobre as obras e organizar seus pensamentos a respeito do texto que está sendo trabalhado em sala.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, Maria Teresa. *A leitura, outra revolução*. Tradução de Newton Cunha. 1ª ed. São Paulo: Editora Edições Sesc, 2017.

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

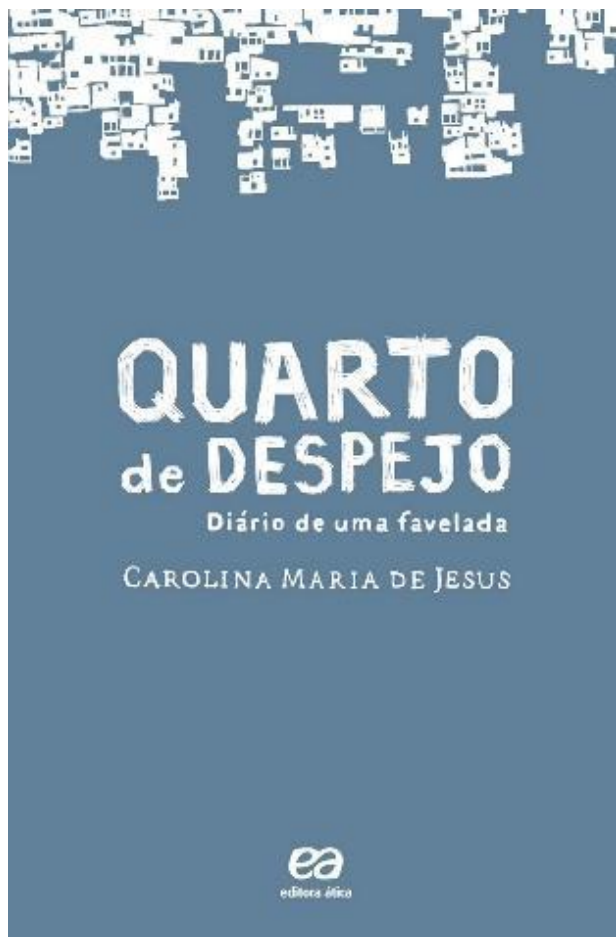
COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 2014.

JOCENIR. *Diário de um detento: o livro*. 2ª ed. São Paulo: Editora Labortexto Editorial, 2001.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2ª ed. Minas Gerais: Editora UFMG, 2014.

ROUXEL, Annie. *Práticas de leitura: quais rumos para favorecer o sujeito leitor?* Tradução de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *Le Français Aujourd'hui*, Paris, v.2, n. 157, p. 65-73, 2007.

ANEXOS**CAPA DO LIVRO QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA**

ANEXO 2 – CAPA DO LIVRO *DIÁRIO DE UM DETENTO*